COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO BANCO DOS RÉUS: UM ENSAIO SOBRE A PSEUDOCIÊNCIA DO COACHING NA EDUCAÇÃO

SOCIOEMOTIONAL COMPETENCIES IN THE DOCK: AN ESSAY ON THE PSEUDOSCIENCE OF COACHING IN EDUCATION

COMPETENCIAS SOCIOEMOCIONALES EN EL BANQUILLO: UN ENSAYO SOBRE LA PSEUDOCIENCIA DEL COACHING EN LA EDUCACIÓN

10.56238/IIMultiCientifica-114

José de Souza Neto
Doutor em Educação
Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - Campus Universitário de Sinop
E-mail: jose.souza.neto@unemat.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-0197-3143

RESUMO
Em meio à crise estrutural do capital e ao avanço do neoliberalismo sobre as políticas educacionais, a defesa do desenvolvimento de competências socioemocionais tem-se consolidado como uma das principais apostas e estratégias da classe dominante como agenda educacional contemporânea. Dentro desse contexto de avanço neoliberal sobre a educação, o presente ensaio tem como objeto analisar os fundamentos teóricos e os pressupostos ideológicos da educação socioemocional, investigando as razões que permitem caracterizá-la como pseudociência e como manifestação do discurso de coaching educacional no interior da escola. A relevância deste estudo reside na necessidade de desvelar os fundamentos frágeis e ideológicos de uma proposta educacional que se apresenta como científica, mas que opera no vazio conceitual e na reprodução dos interesses do capital. Para esse ensaio, o método a ser utilizado fundamenta-se nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético, na Pedagogia Histórico-Crítica e na Psicologia Histórico-Cultural, utilizando a crítica imanente para demonstrar as contradições entre o discurso socioemocional e as reais necessidades da formação humana omnilateral. A análise sustenta-se nas contribuições de Karl Marx (conceito de ideologia), Dermeval Saviani (Pedagogia Histórico-Crítica e especificidade da escola), Newton Duarte (crítica ao pragmatismo na educação) e Lev Vigotski (Psicologia Histórico-Cultural). Além de autores contemporâneos como João Carlos Dias Furtado e Heloísa Alves de Sousa. Trata-se de um ensaio teórico baseado em pesquisa bibliográfica de caráter crítico-dialético, com análise documental da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de programas de educação socioemocional. Pretende-se demonstrar que a educação socioemocional, ao desconsiderar as determinações materiais do desenvolvimento humano e ao focar em competências subjetivas descoladas da apropriação do conhecimento objetivo, constitui-se como instrumento de adaptação dos sujeitos à ordem social vigente.

Palavras-chave: Educação Socioemocional. Pseudociência. Coaching Educacional. Neoliberalismo.

ABSTRACT
In the midst of the structural crisis of capital and the advance of neoliberalism over educational policies, the defense of the development of socioemotional competencies has been consolidated as one

of the main bets and strategies of the ruling class as a contemporary educational agenda. Within this context of neoliberal advancement over education, the present essay aims to analyze the theoretical foundations and ideological assumptions of socioemotional education, investigating the reasons that allow characterizing it as pseudoscience and as a manifestation of educational coaching discourse within the school. The relevance of this study lies in the need to unveil the fragile and ideological foundations of an educational proposal that presents itself as scientific, but which operates in conceptual void and in the reproduction of capital's interests. For this essay, the method to be used is based on the assumptions of Historical-Dialectical Materialism, Historical-Critical Pedagogy and Historical-Cultural Psychology, using immanent critique to demonstrate the contradictions between socioemotional discourse and the real needs of omnilateral human formation. The analysis is sustained by the contributions of Karl Marx (concept of ideology), Dermeval Saviani (Historical-Critical Pedagogy and school specificity), Newton Duarte (critique of pragmatism in education) and Lev Vygotsky (Historical-Cultural Psychology). In addition to contemporary authors such as João Carlos Dias Furtado and Heloísa Alves de Sousa. This is a theoretical essay based on bibliographic research of a critical-dialectical character, with documentary analysis of the National Common Curricular Base (BNCC) and socioemotional education programs. It is intended to demonstrate that socioemotional education, by disregarding the material determinations of human development and by focusing on subjective competencies detached from the appropriation of objective knowledge, constitutes itself as an instrument for adapting subjects to the prevailing social order.

Keywords: Socioemotional Education. Pseudoscience. Educational Coaching. Neoliberalism.

RESUMEN

En medio de la crisis estructural del capital y del avance del neoliberalismo sobre las políticas educacionales, la defensa del desarrollo de competencias socioemocionales se ha consolidado como una de las principales apuestas y estrategias de la clase dominante como agenda educacional contemporánea. Dentro de este contexto de avance neoliberal sobre la educación, el presente ensayo tiene como objeto analizar los fundamentos teóricos y los presupuestos ideológicos de la educación socioemocional, investigando las razones que permiten caracterizarla como pseudociencia y como manifestación del discurso de coaching educacional en el interior de la escuela. La relevancia de este estudio reside en la necesidad de desvelar los fundamentos frágiles e ideológicos de una propuesta educacional que se presenta como científica, pero que opera en el vacío conceptual y en la reproducción de los intereses del capital. Para este ensayo, el método a ser utilizado se fundamenta en los presupuestos del Materialismo Histórico-Dialéctico, en la Pedagogía Histórico-Crítica y en la Psicología Histórico-Cultural, utilizando la crítica inmanente para demostrar las contradicciones entre el discurso socioemocional y las reales necesidades de la formación humana omnilateral. El análisis se sustenta en las contribuciones de Karl Marx (concepto de ideología), Dermeval Saviani (Pedagogía Histórico-Crítica y especificidad de la escuela), Newton Duarte (crítica al pragmatismo en la educación) y Lev Vigotski (Psicología Histórico-Cultural). Además de autores contemporáneos como João Carlos Dias Furtado y Heloísa Alves de Sousa. Se trata de un ensayo teórico basado en investigación bibliográfica de carácter crítico-dialéctico, con análisis documental de la Base Nacional Común Curricular (BNCC) y de programas de educación socioemocional. Se pretende demostrar que la educación socioemocional, al desestimar las determinaciones materiales del desarrollo humano y al enfocarse en competencias subjetivas desconectadas de la apropiación del conocimiento objetivo, se constituye como instrumento de adaptación de los sujetos al orden social vigente.

Palabras clave: Educación Socioemocional. Pseudociencia. Coaching Educacional. Neoliberalismo.

1 INTRODUÇÃO

A educação brasileira das últimas décadas tem sido palco de intensos debates sobre suas finalidades, métodos e conteúdos. Dentre as propostas que ganharam centralidade no discurso pedagógico oficial, destaca-se a chamada "educação socioemocional", institucionalizada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sob o rótulo de "competências gerais" e difundida por organismos internacionais como a UNESCO, a OCDE e o Banco Mundial. Apresentada como resposta aos desafios contemporâneos: violência, depressão, desinteresse escolar e desemprego. Tal abordagem promete formar indivíduos "resilientes", "empáticos", "autônomos" e "protagonistas" de suas próprias vidas. O discurso socioemocional opera, entretanto, sobre um solo movediço. Suas categorias fundamentais — "inteligência emocional", "competência socioemocional", "aprender a ser", "aprender a conviver" — carecem de precisão conceitual, oscilam entre diferentes matrizes teóricas e se prestam a múltiplas apropriações, em especial aquelas oriundas do universo do coaching e da autoajuda empresarial. Longe de constituir um campo científico consolidado, a educação socioemocional apresenta os traços típicos da pseudociência: ausência de definições operacionais claras, instrumentos de mensuração problemáticos, descolamento da ontologia do ser social e apropriação predatória pelo mercado educacional.

Este ensaio propõe uma crítica radical a essa abordagem, partindo dos fundamentos do Materialismo Histórico-Dialético, da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural. Para tanto, recupera-se o conceito de ideologia em Marx e Engels, a análise da especificidade da escola em Saviani, a crítica de Duarte as pedagogias do "aprender a aprender" e a compreensão do desenvolvimento humano como processo histórico e cultural em Vigotski. O objetivo é demonstrar que a educação socioemocional, ao deslocar o foco da apropriação do conhecimento objetivo para o "autoconhecimento" e a "gestão das emoções", opera como instrumento de adaptação dos sujeitos à ordem social vigente, naturalizando desigualdades estruturais e transferindo para o indivíduo a responsabilidade por problemas coletivos.

2 IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: O CONCEITO MARXIANO COMO CHAVE ANALÍTICA

Para compreender o fenômeno da educação socioemocional em sua dimensão crítica, é necessário partir do conceito de ideologia tal como elaborado por Karl Marx e Friedrich Engels em A Ideologia Alemã. Os autores sustentam que: "As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante" (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Esta proposição não pode ser lida de forma mecanicista, como se as ideias fossem meros reflexos passivos da economia. Antes, ela expressa uma contradição fundamental: a classe que controla os meios de produção material controla também os meios de produção espiritual, mas essa dominação

só se efetiva quando as ideias dominantes são apresentadas como se fossem as ideias de toda a sociedade. Logo, é neste lugar que reside o caráter ideológico: a particularidade se traveste de universalidade. A educação socioemocional, ao difundir a necessidade de "resiliência" e "protagonismo" como virtudes universais, obscurece que tais qualidades são exigências concretas do capitalismo flexível que precisa de trabalhadores capazes de suportar a precarização sem questionar a ordem que a produz.

Aprofundando a análise, Furtado, Sousa e Furtado (2024), ao examinar o Programa Nacional de Educação Empreendedora, explicitam essa função ideológica:

> A disseminação das competências socioemocionais na educação brasileira não é um movimento inocente ou meramente técnico; trata-se de uma estratégia política que responde diretamente aos interesses do capital, na medida em que forma sujeitos adaptados à lógica do empreendedorismo e da empregabilidade (FURTADO; SOUSA; FURTADO, 2024, p. 12).

Nesta ideia dos autores, desvela-se um movimento dialético fundamental: o mesmo discurso que se apresenta como "inovador" e "humanista" — ao falar em "cuidar das emoções" e "desenvolver a empatia" — é aquele que mais eficazmente produz subjetividades dóceis à exploração. Não se trata, portanto, de uma falsidade intencional, mas de uma inversão estrutural própria da ideologia: o sofrimento produzido pela exploração capitalista é revertido em déficit individual de "inteligência emocional", a desigualdade estrutural é ocultada sob a retórica do "protagonismo" e da "superação pessoal". A escola, ao investir maciçamente nessa formação, deixa de fornecer à classe trabalhadora os instrumentos para compreender criticamente sua condição e passa a oferecer-lhes técnicas de administração individual da própria subalternidade.

3 A ESPECIFICIDADE DA ESCOLA SEGUNDO SAVIANI: CONTRA A SUPER-RESPONSABILIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Nos livros Escola e Democracia (2018) e Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações (2011), Saviani oferece instrumentos teóricos fundamentais para a crítica à educação socioemocional. Sua contribuição mais decisiva reside na delimitação da especificidade do trabalho pedagógico, ou seja, na identificação do que é próprio e intransferível à função da escola. Assim, Saviani (2018) argumenta que as teorias educacionais não-críticas — Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista —, embora distintas entre si, compartilham um equívoco fundamental: "A marginalidade, que é um fenômeno social complexo e multicausal, é reduzida pelas teorias não-críticas a uma questão educacional, como se a escola pudesse, sozinha, resolver os problemas da desigualdade e da exclusão" (SAVIANI, 2018, p. 15).

A contradição que emerge dessa constatação é a seguinte: quanto mais se atribui à escola a responsabilidade pela solução de problemas estruturais (desemprego, violência, pobreza), menos

condições ela tem de cumprir sua função específica, que é a socialização do conhecimento sistematizado. A educação socioemocional inscreve-se perfeitamente nessa lógica paradoxal: ela acrescenta novas e ampliadas responsabilidades à escola — formar o "caráter", as "emoções", as "atitudes" — justamente no momento em que a escola pública brasileira enfrenta sua mais grave crise de infraestrutura, formação docente e condições de trabalho.

Em Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações, Saviani (2011) explicita a natureza do trabalho pedagógico: "A educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (SAVIANI, 2011, p. 13).

Esta definição carrega uma implicação dialética decisiva: a humanidade de cada indivíduo não é uma essência preexistente, nem um conjunto de "competências inatas", mas algo que precisa ser produzido pela educação. E essa produção só pode ocorrer mediante a apropriação, pelo indivíduo, dos resultados do desenvolvimento histórico da humanidade — ou seja, do conhecimento científico, filosófico, artístico e das formas de consciência social acumuladas. A educação socioemocional inverte essa relação: ao invés de partir do conhecimento objetivo para transformar a subjetividade, ela parte de uma suposta "subjetividade a ser desenvolvida" que, por não se ancorar em conteúdos objetivos, termina por reproduzir as formas de consciência imediatas, pré-reflexivas e adaptadas à ordem existente. Aqui Saviani (2018) é ainda mais incisivo ao diferenciar a escola de outras instituições sociais:

> A escola não pode ser responsabilizada pela solução de todos os problemas sociais, sob pena de perder sua especificidade e de se tornar ineficaz até mesmo naquilo que lhe é próprio: a transmissão-assimilação do saber sistematizado (SAVIANI, 2018, p. 47).

A superação dialética dessa contradição não consiste em negar a dimensão emocional ou relacional da educação — isso seria um retrocesso idealista — está em reconhecer que tais dimensões só se desenvolvem plenamente quando a escola cumpre sua tarefa específica. Um indivíduo que não domina os conceitos científicos básicos não pode desenvolver a "empatia" em sua forma mais elevada, pois a verdadeira compreensão do outro exige a compreensão das condições materiais que o produzem. Um sujeito que não tem acesso à arte e à filosofia não pode desenvolver a "criatividade" e o "pensamento crítico" de forma substantiva. A educação socioemocional, ao deslocar o eixo do trabalho pedagógico para o "autoconhecimento", vazio de conteúdos, produz exatamente o oposto do que promete: forma indivíduos incapazes tanto de conhecer o mundo objetivamente quanto de transformar suas próprias emoções de maneira consistente.

4 AS CINCO MARCAS DA PSEUDOCIÊNCIA SOCIOEMOCIONAL

Talvez os autores não marxistas não aceitem as críticas de maneira democrática, e ou mesmo podem atribuir uma certa arrogância ás críticas formalizadas neste ensaio. Contudo, se esquecem de aplicar aquilo que é imprescindível e necessário ao produzir ciência. Isto é, utilizar-se dos instrumentos e dos rigorosos critérios científicos, algo fundamental para realizar a pratica teórico-científica e a honestidade intelectual. A caracterização da educação socioemocional como pseudociência exige fundamentação precisa. Tomando como referência os critérios estabelecidos pela filosofia da ciência e confrontando-os com a produção acadêmica e os documentos oficiais da área, é possível identificar ao menos cinco marcas distintivas desse caráter pseudocientífico.

4.1 IMPRECISÃO CONCEITUAL

O termo "competência socioemocional" opera como um significante vazio que pode abrigar os mais diversos conteúdos conforme a conveniência de quem o emprega; resiliência, empatia, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento, tomada de decisão responsável — a lista é extensa e carece de articulação lógica consistente. Cordeiro e Miranda (2020) observam:

> A BNCC apresenta as competências socioemocionais como se fossem categorias autoexplicativas e universalmente válidas, sem qualquer discussão sobre suas condições históricas de produção ou sobre os interesses que servem" (CORDEIRO; MIRANDA, 2020, p. 8).

A imprecisão conceitual não é um defeito acidental que poderia ser corrigido por maior rigor terminológico. Ela é funcional ao papel ideológico da proposta: quanto mais vago o conceito, mais facilmente ele pode ser preenchido pelos discursos dominantes — do empreendedorismo, da empregabilidade, da resiliência à precarização — sem encontrar resistência teórica. Uma ciência genuína, ao contrário, avança justamente pela precisão conceitual e pela capacidade de distinguir fenômenos distintos sob uma mesma aparência.

4.2 INSTRUMENTOS DE MENSURAÇÃO PROBLEMÁTICOS

Os instrumentos utilizados para avaliar as "competências socioemocionais" são majoritariamente questionários autoaplicáveis, nos quais o próprio sujeito classifica suas atitudes e comportamentos. Tais instrumentos padecem de vieses sistemáticos (desejabilidade social, efeito halo, falta de autopercepção) e carecem de validação transcultural robusta. Saviani (2018) antecipou essa crítica ao analisar a pseudociência dos métodos novos: "Os métodos novos, ao privilegiarem a 'pesquisa' e a 'descoberta' em detrimento da transmissão do conhecimento sistematizado, terminaram por produzir um saber rarefeito, incapaz de dar conta da complexidade do real" (SAVIANI, 2018, p. 53).

A contradição aqui é flagrante: pretende-se medir “competências” com instrumentos que pressupõem exatamente aquilo que deveria ser formado — a capacidade de autopercepção crítica. O resultado é que tais instrumentos medem, na maior parte dos casos, apenas a conformidade do sujeito com as expectativas sociais dominantes. Não medem o desenvolvimento emocional substancial baseado no real.

4.3 DESCOLAMENTO DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

A educação socioemocional opera com uma concepção a-histórica e a-social das emoções, como se estas fossem entidades naturais, universais e imutáveis. A psicologia histórico-cultural, representada por Vigotski, demonstra exatamente o oposto: as funções psicológicas superiores — incluindo as emoções complexas — são produtos da história social e da internalização das relações sociais mediadas pela linguagem e pelo trabalho. Vigotski (2001) argumenta: “O desenvolvimento humano não é um simples desdobramento de potencialidades inatas, mas um processo histórico no qual a apropriação da cultura acumulada transforma as próprias funções naturais em funções culturais” (VIGOTSKI, 2001, p. 235).

Se as emoções são históricas, então não podem ser “geridas” por técnicas universais e a-históricas. A transformação das emoções exige a transformação das relações sociais que as produzem. Uma “gestão da raiva” que não questiona as causas objetivas da exploração que gera a raiva não passa de paliativo ideológico. Uma “resiliência” que não se pergunta por que tantos trabalhadores precisam ser resilientes à miséria é uma forma de naturalização da opressão.

4.4 APROPRIAÇÃO PELO MERCADO EDUCACIONAL

A proliferação de apostilas, cursos, certificações, plataformas digitais e consultorias em educação socioemocional segue a lógica mercantil, não a lógica científica. Empresas como a SEL (Social Emotional Learning) e editoras educacionais transformaram as “competências socioemocionais” em um mercado bilionário, com produtos padronizados que são vendidos para escolas públicas e privadas como “soluções prontas”. Duarte (2001) já alertava para esse fenômeno: “A apropriação neoliberal das teorias educacionais opera pela descontextualização e pela mercantilização: conceitos são extraídos de seus fundamentos teóricos e transformados em 'produtos' pedagógicos vendáveis” (DUARTE, 2001, p. 89).

A contradição entre o discurso humanista da educação socioemocional (“cuidar das pessoas”) e sua materialização como mercadoria é insanável. Produtos padronizados, aplicáveis a qualquer contexto, ignoram deliberadamente a singularidade dos sujeitos e das situações — exatamente o oposto do que seria necessário para uma genuína educação emocional.

4.5 ESVAZIAMENTO DO CONHECIMENTO OBJETIVO

Ao priorizar o “saber ser” e o “saber conviver”, a educação socioemocional secundariza o “saber” propriamente dito — o conhecimento científico, filosófico e artístico. Esse movimento não é inocente: quanto menos os estudantes dominam os conceitos que permitem compreender criticamente a sociedade capitalista, mais facilmente se adaptam a ela. A escola deixa de formar sujeitos revolucionários e passa a formar sujeitos “resilientes” à exploração.

5 O COACHING COMO PEDAGOGIA DO CAPITAL

A educação socioemocional compartilha com o coaching não apenas a linguagem e as técnicas, mas a matriz ideológica fundamental. Ambos partem do pressuposto de que os problemas — educacionais, profissionais, existenciais — são questões de “mentalidade”, “postura” ou “competência individual”, não de estrutura social. Ambos promovem a “responsabilização” do sujeito por seu sucesso ou fracasso, obscurecendo as determinações objetivas que condicionam sua trajetória. Saviani (2018) antecipou essa crítica ao analisar as teorias crítico-reprodutivistas: “As teorias que reduzem a educação à reprodução da sociedade de classes terminam por desembocar num pessimismo radical, que inviabiliza qualquer ação transformadora” (SAVIANI, 2018, p. 31).

Aqui se revela uma contradição fundamental do neoliberalismo educacional: ao mesmo tempo que superestima o poder da escola para formar “competências” e “atitudes”, subestima radicalmente sua capacidade de fornecer o conhecimento objetivo que permitiria aos sujeitos transcender sua condição de classe. O coaching educacional — isto é, a aplicação das técnicas e da ideologia do coaching ao ambiente escolar — cumpre uma função precisa no capitalismo contemporâneo: a produção de subjetividades adaptadas à precarização. O trabalhador “resiliente” é aquele que suporta jornadas exaustivas, salários baixos, ausência de direitos e ameaça constante de desemprego sem questionar o sistema que produz essas condições; antes, busca em si mesmo a “motivação” para superar os obstáculos.

Furtado, Sousa e Furtado (2024) são enfáticos:

> A educação empreendedora e o desenvolvimento de competências socioemocionais constituem uma mesma face da moeda neoliberal: ambas transferem para o indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso, naturalizando a desigualdade e desmobilizando a luta coletiva (FURTADO; SOUSA; FURTADO, 2024, p. 18).

A superação dialética dessa pedagogia do capital não consiste em negar a importância das emoções ou das relações interpessoais na escola — isso seria um empobrecimento inaceitável — mas em reconhecer que o desenvolvimento emocional pleno dos sujeitos é inseparável do desenvolvimento de sua consciência crítica acerca das determinações sociais de sua existência. Uma escola que não

ensina as contradições do capital não pode formar cidadãos verdadeiramente “críticos” e “autônomos”, pois a autonomia real exige a compreensão das amarras estruturais que precisam ser rompidas.

6 OS FUNDAMENTOS MATERIALISTAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A alternativa à educação socioemocional não é o abandono da dimensão afetiva na escola, mas sua recondução a fundamentos materialistas. Vigotski, Saviani e a tradição marxista oferecem as categorias necessárias para essa recondução. Vigotski (2001) propõe o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como o espaço no qual a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento. Ao contrário das abordagens socioemocionais, que tratam as emoções como algo a ser “gerido” separadamente do conhecimento, Vigotski demonstra que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores — incluindo as emoções complexas — ocorre precisamente pela apropriação dos conceitos científicos e das formas culturais acumuladas.

A contradição aparente entre “razão” e “emoção” dissolve-se quando se compreende que as emoções humanas superiores (a indignação moral, a solidariedade consciente, o entusiasmo intelectual) são formas de consciência que dependem do domínio de conceitos. Saviani (2011) retoma e aprofunda essa perspectiva ao definir o método da Pedagogia Histórico-Crítica:

> O método dialético de ensino parte da prática social, problematiza seus conteúdos, instrumentaliza os alunos com os conceitos científicos, promove a catarse (apropriação teórica) e retorna à prática social em um nível qualitativamente superior” (SAVIANI, 2011, p. 68).

Nesse movimento, as emoções não são ignoradas; pelo contrário, elas são transformadas dialeticamente. A prática social inicial é marcada por uma compreensão sincrética e por emoções difusas (indignação vaga, medo, revolta impotente). O trabalho com os conceitos científicos permite uma análise mais precisa da realidade, o que transforma as emoções difusas em sentimentos determinados (indignação dirigida às causas estruturais, solidariedade consciente de classe, revolta organizada). A catarse — apropriação teórica que eleva o pensamento a um novo patamar — produz, ao mesmo tempo, uma transformação emocional. Finalmente, o retorno à prática social não é um retorno ao mesmo: o sujeito age agora movido por emoções qualitativamente diferentes, porque fundadas na compreensão científica da realidade.

Duarte (2001) sintetiza a crítica a ideologia dominante avaliando a essência das pedagogias do “aprender a aprender”.

> O “aprender a aprender” — base das pedagogias do “aluno ativo” e das “competências” — retira da escola a tarefa de transmissão do conhecimento objetivo, tarefa que é substituída pelo desenvolvimento de habilidades adaptativas à ordem social existente (DUARTE, 2001, p. 112).

A verdadeira educação emocional, portanto, é a educação que forma sujeitos capazes de compreender o mundo para transformá-lo — não de "gerir" suas emoções para se adaptar a ele. A indignação revolucionária é uma emoção, e das mais elevadas, a solidariedade de classe é uma emoção, o entusiasmo pela construção de uma nova sociedade é uma emoção. No entanto, nenhuma delas se desenvolve pelo treinamento em "competências socioemocionais"; todas elas se desenvolvem pela apropriação do conhecimento objetivo que permite compreender a exploração, identificar o explorador e organizar a luta contra ele.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação socioemocional, examinada à luz do Materialismo Histórico-Dialético, da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural, revela-se como um fenômeno ideológico típico do capitalismo neoliberal. Sua pretensão à cientificidade não resiste à análise crítica: imprecisão conceitual, instrumentos problemáticos, descolamento da ontologia do ser social, apropriação mercantil e esvaziamento do conhecimento objetivo são marcas que a caracterizam como pseudociência.

Sua função social é clara: formar trabalhadores "resilientes" e "empreendedores", capazes de suportar a precarização sem questionar a ordem que a produz. Ao transferir para o indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso, naturaliza a desigualdade e desmobiliza a luta coletiva. Ao deslocar o eixo do conhecimento objetivo da escola para o "autoconhecimento" subjetivo, esvazia a função propriamente pedagógica da instituição escolar.

A alternativa, longe de abandonar as emoções, é reconduzi-las a seu fundamento material: o desenvolvimento emocional pleno dos sujeitos exige não o treinamento em técnicas de "gestão emocional", mas a apropriação do conhecimento científico, filosófico e artístico que permite compreender criticamente a realidade — e, a partir dessa compreensão, engajar-se em sua transformação revolucionária.

Como afirmou Saviani (2018, p. 120): "A escola não transforma a sociedade, mas pode contribuir para a transformação, na medida em que fornece às classes subalternas os instrumentos intelectuais necessários para a luta".

A educação socioemocional, ao negar esses instrumentos, contribui exatamente para o contrário: a adaptação das classes subalternas à ordem que as explora. A tarefa de uma pedagogia verdadeiramente crítica é, pois, a restituição à escola de sua função específica — a socialização do conhecimento objetivo — como condição para a formação de sujeitos capazes não de "gerir emoções", mas de transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Mayrla Pereira Sena; MIRANDA, Edna Mara Correa. **Competências socioemocionais na Base Nacional Comum Curricular à luz da Pedagogia Histórico-Crítica**. Atena Editora, 2020. DOI: 10.22533/at.ed.0722015125. Disponível em: https://atenaeditora.com.br/index.php/catalogo/post/competencias-socioemocionais-na-base-nacional-comum-curricular-a-luz-da-pedagogia-historico-critica

DUARTE, Newton. **Vigotski e o "aprender a aprender":** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2001.

FURTADO, João Carlos Dias; SOUSA, Heloísa Alves de; FURTADO, Lucilia Dias. **O avanço neoliberal e a disseminação de competências socioemocionais:** uma crítica ao Programa Nacional de Educação Empreendedora no DF. Olhar de Professor, v. 27, p. 1–22, 2024. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.27.23217.031. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/23217

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich**. A Ideologia Alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 43. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.